

GRAMÁTICA, TEXTO E ENSINO

Línguas, Artes e Literaturas



Editores:

Capa: Mandala “Releitura da pintura corporal da etnia Paresi é de autoria da artista plástica: Judite Malaquias

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Mônica Cidele da Cruz

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C657g Cruz, Mônica Cidele da.

Gramática, texto e ensino: línguas, artes e literaturas /
Mônica Cidele da Cruz e Isaías Munis Batista. – Cáceres:
Layout Gráfica, 2020.

27. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 2).

ISBN

1. Gramática. 2. Produção Textual. 3. Língua
Portuguesa. I. Batista, I. M. II. Título. III. Título: línguas,
artes e literaturas.

CDU 81(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

APRESENTAÇÃO

Olá acadêmico e acadêmica da área de Línguas, Artes e Literaturas,

Você está recebendo o Caderno Pedagógico Intercultural, com o tema Gramática, Texto e Ensino. Dialogaremos com você sobre as diferentes concepções de língua(gem), bem como, sobre questões relacionadas à gramática e ensino. Ele tem como objetivo ajudá-lo(a) a compreender a importância da gramática para o ensino de línguas e, orientá-lo, a distância, nesta experiência de ensino remoto específico.

Compreendemos como ensino remoto específico a forma como vamos dialogar por meio do material escrito, porque vamos fazer diferente do que temos feito nas etapas presenciais, quando estamos no tempo universidade em Barra do Bugres-MT. Também porque atende a situação atual da pandemia Covid 19 que nos obriga a mantermos distância, em isolamento social.

Então, essa modalidade de estudo tem particularidades que são próprias, sendo assim, ressaltamos que você é a pessoa que precisa organizar o seu próprio tempo para leituras, pesquisas e resolução de atividades, com orientação dos professores responsáveis pelo componente curricular ofertado.

É muito importante que você esteja em contato via whatsapp, Facebook, plataforma meet e outros meios digitais para dialogar conosco.

O caderno está organizado em três unidades, apresentadas a seguir:

Unidade I: As muitas lingua(gens) que nos cercam. Nesta unidade dialogamos sobre a importância da língua(gem) na vida das pessoas e o quanto ela está presente em nossa prática pedagógica na escola.

Unidade II: Concepções de língua(gem) e de gramática. Nesta unidade apresentamos as diferentes concepções de língua(gem) e de gramática para o ensino de língua portuguesa na escola.

Unidade III: Prática Pedagógica em língua(gem): Esta unidade é um espaço destinado ao professor(a) de línguas, artes e literatura, no qual ele irá propor uma atividade de língua portuguesa para uma turma do ensino fundamental (6º, 7º, 8º ou 9º ano), considerando as concepções de língua(gem) apresentadas neste caderno pedagógico.

Bons estudos!
Abraços interculturais!

UNIDADE I -AS MUITAS LINGUA(GENS) QUE NOS CERCAM

Olá acadêmico e acadêmica...

Nesta unidade, iremos iniciar nossa conversa, falando sobre a importância da língua(gem) na vida das pessoas e, no nosso caso, é fundamental compreender sobre o assunto, pois a língua(gem) permeia toda a nossa prática pedagógica na escola.

E, então, vamos refletir um pouquinho?

**O que é linguagem? Como ela se constitui para você?
Qual é a função da lingua(gem) na escola?**

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Com essas reflexões, então, passamos adiante, dizendo que a lingua(gem) é o que diferencia o ser humano dos animais. Ele é um ser social por natureza e se diferencia dos animais pela faculdade da lingua(gem). Só ele tem a capacidade de comunicar suas opiniões, suas ideias, seus sonhos, seus desejos, utilizando diferentes recursos para isso. E um desses recursos é a fala.

No entanto, a lingua(gem) não é apenas um meio de comunicação entre as pessoas,

Ela serve, também, para dar nomes às coisas e às pessoas, para organizar coisas e pessoas em categorias. A linguagem serve para pensar e avaliar o mundo; serve para raciocinar, fazer operações, planejar ações. Graças à faculdade da linguagem os homens transmitem conhecimentos já adquiridos e aumentam, o tempo todo, o seu saber, adquirindo novos conhecimentos. (RCNEI, p.113)

Mas, só nos expressamos por meio de palavras? Ou há outras maneiras de interagir com as pessoas?

Continuando o nosso assunto, podemos dizer que a lingua(gem) é o processo de interação entre as pessoas, e essa interação pode acontecer de forma verbal e não-verbal.

A comunicação entre as pessoas, por meio da lingua(gem) verbal, se dá pelo uso de palavras, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita. Vejamos, abaixo, um exemplo de uso da lingua(gem) verbal:



Fonte: acervo FAINDI (Etapa Intermediária na aldeia Kopenoty-2019)

A imagem acima nos mostra a lingua(gem) verbal expressa por meio de palavras, da escrita. Porém, temos, também, situações em que uso das palavras se dá através da oralidade, como nas conversas pelo celular, no whatsapp, onde, muitas vezes, nos comunicamos com outras pessoas, utilizando áudio, ou até mesmo, pelo rádio amador, como é o caso de muitas comunidades indígenas. Há muitas outras situações em que a linguagem verbal se faz presente de forma oral, como em palestras, aulas, reuniões, lives, programas de rádio, de TV, teatro, rituais de canto, etc.

Em algumas sociedades indígenas, existem algumas formas de comunicação bem particulares. Trazemos aqui como exemplo, uma forma de comunicação verbal entre os Mëbêngôkre quando saem para a caçada, registrada por Paimu Txucarramãe (2016). Paimu relata, em seu TCC, que a comunicação a distância em Mëbêngôkre é utilizada quando um grupo de caçadores está saindo da aldeia para a mata, rumo à caçada. O primeiro grito, momento da enunciação, de um caçador, significa que está chamando o outro para ir a uma caçada e, o segundo grito da outra pessoa (caçador) é uma resposta ou confirmação de que a pessoa também está indo para caçada. Este mesmo sinal de comunicação também serve quando uma pessoa encontra com o porco do mato (queixada). A pessoa usa este sinal alertando com grito em voz fina. Já aqueles que estão distantes percebem através do sinal que algum caçador do grupo encontrou porco queixada no mato e que o outro está comunicando sua existência. Ou seja, a pessoa que estiver na aldeia, quando ouvir esse grito, já corre para apanhar suas armas de caçada e sai atrás do porco queixada. No momento da enunciação do grito, o primeiro da fila grita: me rua rua!, enquanto o último responde: auuuuuu! Aqueles que estão no meio da fila devem permanecer em silêncio.

Há, entre seu povo, alguma forma de comunicação semelhante a apresentada acima que você gostaria de nos contar? Você pode fazer isso de forma escrita ou oral (áudio ou um pequeno vídeo, via whatsapp ou facebook)

[illegible]

Continuemos nossa conversa...

Outra forma de comunicação de que dispomos é a linguagem não verbal, realizada por meio de símbolos, sons, gestos, imagens, entre outros signos não verbais. A pintura corporal, com seus grafismos, também é um outro exemplo de linguagem não verbal bastante presente nas sociedades indígenas, como vocês conhecem bem de perto. São grafismos que carregam significados próprios de

cada cultura. As cores desses grafismos também trazem significados que podem ser consideradas como outra forma de língua(gem) não verbal, como o vermelho da tinta de urucum, o preto da tinta de jenipapo, presentes nas imagens abaixo.



Fonte: acervo FAINDI

Grafismo Munduruku-Formiga Vermelha (Saw)



Fonte: Marcelo Munduruku, 2015.

Hoje em dia é muito comum, em nosso cotidiano, utilizarmos os dois tipos de linguagem ao mesmo tempo. Em uma conversa, por celular, por exemplo, muitas vezes, utilizamos o verbal e o não verbal, o áudio que você manda ao amigo ou amiga, a foto, os emojis, as mensagens escritas, enfim, a maneira de interagirmos com outro vai de acordo com a situação comunicativa. Ou também, em outras formas de textos, como propagandas, panfletos, tirinhas, charges, histórias em quadrinhos, cartazes, folders, entre outras.

Vejam a seguir, a linguagem verbal e não verbal, simultaneamente, em funcionamento nos textos.



Fonte: Internet



Fonte: FAINDI-UNEMAT

Você percebeu que até momento, tratamos de muitas lingua(gens) possíveis. E quanto a língua?

O que é língua para você?

dos Paresi que moram em regiões diferentes, como Sapezal, Campo Novo, Tangará da Serra. Ou também entre os Bakairi da aldeia Santana, no município de Nobres e os Bakairi da aldeia Pakuera, no município de Paranatinga, entre outros.

Esses diferentes modos de falar uma língua é o que podemos chamar de variedade linguística. É importante entender que as pessoas muitas vezes usam línguas, ou variedades distintas de uma mesma língua, para dizer aos outros que são diferentes, que têm uma identidade própria. Esse é um dos motivos pelos quais as escolas indígenas e não-indígenas no país devem reconhecer e respeitar a imensa diversidade linguística aqui existente (BRASIL, p. 116, 1998).

Considerando essa variedade de fala, como é isso na sua língua?

[illegible]

De acordo com Possari & Neder (2001, p.11), língua é um sistema de normas produzidas socialmente e existe somente se relacionando à consciência subjetiva, isto é, própria dos indivíduos que participam da coletividade que está regida por estas normas.

A língua não se resume somente a um conjunto de regras, pois a importância da língua está no seu valor social. Se a linguagem é por natureza interativa, qualquer língua também se constitui, essencialmente, como atividade de interação, numa relação de reciprocidade, de diálogo numa dada situação social. (ANTUNES, 2014).

Até aqui falamos sobre *lingua(gem)*, numa perspectiva dialógica, coletiva, enfim, falamos da língua como ação social.

Na Unidade II, trataremos sobre concepções de *lingua(gem)* e de ensino, ancorados em Geraldi (1984), para que você possa refletir sobre cada uma delas, pensando em seu fazer pedagógico na escola.

Uma síntese do que apresentamos para você até agora sobre *lingua(gem)*:

- *A lingua(gem) é um processo que permite a interação entre pessoas, de forma verbal e não verbal;*
- *A lingua(gem) é uma prática social presente no modo de vida das pessoas e/ou grupos;*
- *A lingua(gem), ao mesmo tempo que é produto da realidade, também é parte constitutiva dessa realidade. Isso significa que a lingua(gem) tanto influencia quanto é influenciada pela sociedade.*

Sugestão de leituras complementares:

Vídeos:

Fala e Escrita 1

Fala e escrita 2

Fala e escrita 3

Disponíveis em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XOzoVHyiDew>

UNIDADE II – CONCEPÇÕES DE LÍNGUA(GEM) E ENSINO

Nesta unidade, trataremos sobre as concepções de língua (gem) relacionadas ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa, por entendermos que, subjacente à prática pedagógica do professor, instaura-se, primeiramente, a sua concepção de língua(gem). Por esse motivo, julgamos importante abordar essas teorias, para dizer que não há ensino satisfatório, sem o conhecimento da concepção de língua(gem) que orienta nossas ações em sala de aula.

A primeira concepção é a linguagem como **expressão do pensamento**. Ela vê a língua como uma instituição individual, monológica, sendo apenas a exteriorização do pensamento, traduzido por meio das palavras. Para falar e escrever corretamente é preciso dominar todas as regras gramaticais de uma língua. Há distinção entre “certo” e “errado”, pois aquilo que não está de acordo com as regras da gramática normativa está errado.

A concepção de linguagem como expressão do pensamento considera uma única variedade de língua como aceita para nos expressarmos na sociedade e, dessa forma, sermos respeitados e aceitos. A ela está vinculado o ensino **tradicional ou prescritivo**, baseado nos princípios da gramática tradicional. Como exemplo desse ensino, temos as aulas sobre substantivos, adjetivos, verbos, considerando que apenas a conceituação e classificação morfológica são importantes. São, portanto, atividades desvinculadas de sentido, pois não é possibilitado ao aluno refletir sobre o uso da língua.

Para essa concepção, a **Gramática Normativa** é “concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente” (TRAVAGLIA, 2005, p. 24). Essa concepção de gramática privilegia apenas a variedade dita “padrão” ou culta e condena todas as outras formas que estejam fora dessa variedade. Logo, é um tipo de abordagem que mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizada, reduzindo as aulas de português a aulas de teoria gramatical e atividades metalinguísticas.

A segunda concepção, **instrumento de comunicação**, vê a linguagem como simples instrumento de comunicação, em que a língua é considerada um código que transmite uma mensagem de um emissor (envia mensagem) para um receptor (recebe a mensagem).

Essa concepção está associada ao estruturalismo e ao gerativismo que tem como base o sistema linguístico e seu funcionamento. O ensino **descritivo** baseado nessa concepção preocupa-se em mostrar ao aluno como a língua funciona, a partir de atividades estruturais de gramática em seus níveis fonológico, morfológico e sintático. De acordo com essa concepção, é o trabalho descritivo das estruturas isoladas da língua que irá garantir a possibilidade de desenvolver a expressão oral e escrita dos alunos. A expectativa é de que o aluno seja capaz de estruturar o maior número de frases dentro da variedade padrão. A língua é internalizada com a prática de exercícios de ‘preencher as lacunas’, ‘siga o modelo’, ‘passe as frases para o plural’, ‘dê o diminutivo’, ‘coloque as palavras no aumentativo’, ‘classifique o sujeito’, ‘classifique o predicado’, enfim, exercícios voltados para a descrição da estrutura da língua.

Bom, se o ensino tradicional tem como base concepções centradas na abordagem prescritiva e/ou descritiva da língua(gem), qual é a diferença entre elas?

A diferença está no nível do objeto e do método de análise. A gramática prescritiva está ligada à concepção que vê a língua como expressão do pensamento, um ato puramente individual, que não considera as diferentes variedades linguísticas. Para essa concepção só está certo aquilo que seguir as regras da gramática normativa, ou seja, falar e escrever corretamente de acordo com as normas gramaticais da língua portuguesa padrão. Defendem esta concepção aqueles que veem na aprendizagem da teoria gramatical a garantia de chegar ao domínio da linguagem oral e escrita.

Esse tipo de gramática (descritiva) tem seus fundamentos pautados na linguística estrutural (Saussure) e na gerativo-transformacional (Chomsky). O objetivo é descrever a estrutura da língua (fonologia, morfologia, sintaxe). A variedade linguística fica apenas no nível teórico, pois a língua(gem) é vista sem história, sem interferência social, como um conjunto de formas que existem independentemente do homem.

A **Gramática Descritiva**, conforme Travaglia (2005), tem a preocupação em descrever os fatos da língua, separando o que é gramatical do que não é gramatical. Para essa percepção, não há “erro” gramatical, mas construções linguísticas que são agramaticais, isto é, palavras ou frases que não são reconhecidas pelos falantes

como sendo próprias da língua. Aqui, para uma construção ser considerada gramatical, não precisa seguir os modelos normativos de escrita, mas atender às regras de funcionamento da língua em uma de suas variedades.

Por fim, trazemos a terceira concepção de língua(gem) como **forma de interação** voltada para um **ensino produtivo**, cujo objetivo é proporcionar ao aluno, não apenas o conhecimento da gramática de sua língua, mas, sobretudo, o desenvolvimento da capacidade de refletir de maneira crítica sobre o mundo que o cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social. Isso acontece mediante a compreensão, a análise, a interpretação e a produção de textos verbais. O texto é concebido como material que expressa um ponto de vista sobre o real, uma leitura possível da realidade. A fala é dirigida a interlocutores concretos (não necessariamente presentes), isto é, pessoas que ocupam lugares definidos na estrutura social e que determinam o conteúdo da enunciação. Você é um exemplo de interlocutor não presente nesse momento, pois nosso diálogo se dá a distância, via ensino remoto. Nesse caso, a interlocução se dá entre nós, professora Mônica e professor Isaías, e você, acadêmico(a) da área de Línguas, Artes e Literaturas.

Para essa concepção, então, o trabalho com a gramática é feito na perspectiva do uso, da funcionalidade dos elementos gramaticais. O foco deste trabalho é o texto, buscando a compreensão dos fatos linguísticos e não apenas a nomenclatura e a sua classificação. O aluno é colocado em situações efetivas de uso da língua, e tem a oportunidade de aprender diferentes variedades de língua. O papel da escola, nessa perspectiva, é proporcionar ao aluno a ampliação dos saberes linguísticos que ele já possui, o que chamamos de gramática internalizada.

A **Gramática internalizada** é o conhecimento que o falante tem da sua própria língua, ou seja, é o domínio das regras que ele possui e utiliza para se comunicar de maneira que é possível compreender as frases e as sequências das palavras, identificando como pertencentes a uma determinada língua. Isso significa que o saber gramatical é algo que antecede qualquer princípio de escolarização ou processo de aprendizagem, refere-se à capacidade genética do falante de perceber e internalizar as regras da gramática da língua,

usando-as de acordo com o que é exigido pela situação de interação comunicativa de que participa.

Para essa concepção não há distinção certo/errado no trabalho com a língua(gem), pois considera-se o que é adequado e o que não é adequado a uma determinada situação comunicativa.

Uma atividade que pode ilustrar esse tipo de ensino é quando o professor solicita ao aluno que escreva um bilhete ao seu colega convidando-o para uma festa na comunidade. Em seguida, o professor pode pedir que o aluno escreva um bilhete ao diretor da escola, por exemplo, convidando-o para a mesma festa.

A partir desse tipo de atividade, o professor vai mostrando as diferenças de linguagem exigidas em cada texto produzido. A partir das considerações sobre os interlocutores, o professor pode explicar as diferenças de linguagem exigida. Caso o aluno não tenha atendido às condições de produção para a escrita, o professor aponta os problemas, mostrando ao aluno como poderão ser solucionados.

Antes de passarmos às indagações sobre o que discutimos até aqui, é importante ressaltar que, embora estejamos adotando nesse Caderno Pedagógico, a concepção de linguagem como processo de interação, as outras concepções também são importantes para o ensino, dependendo da situação e do objetivo de sua aula.

Sendo assim, do que apresentamos sobre as concepções de linguagem, anteriormente, escreva para nós, professores, e para os demais colegas da turma um texto respondendo às questões abaixo:

Qual(is) a(s) diferença(s) entre as três concepções de língua(gem)? Para você, qual é a mais interessante para o trabalho pedagógico com a língua(gem)?

Será que é possível escolher apenas uma concepção de língua(gem)? Por quê?

E como você tem desenvolvido na escola o ensino de língua(gem) com seus alunos?

17

UNIDADE III: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM LINGUA(GEM)

De acordo com o RCNEI, a escola indígena deve possibilitar ao aluno o uso da variedade local do português e ao mesmo tempo, garantir a ele o acesso ao português padrão, tanto na modalidade oral, quanto na modalidade escrita. (BRASIL, 1998).

Com base no trecho acima e nas concepções de língua(gem), gramática e ensino, apresentadas nas unidades anteriores, leia a atividade proposta, a seguir.

ATIVIDADE 1: Leitura

Origem dos alimentos para o povo Kayabi

Antigamente, os Kayabi plantavam tucum e inajá. Uma velha já estava cansada de comer miolo de tucum e inajá, pois naquele tempo, usava-se o miolo para fazer massa, fazer farinha e também beiju. Então a velha disse para os filhos:

— Meus filhos, façam uma roça bem grande, porque já estou cansada de ver vocês passando fome!

Os filhos fizeram a roça e, no dia da queimada, a velha pediu a eles:

— Amarrem a minha rede no meio da derrubada!

Os filhos não queriam obedecer. A velha, então, disse:

— Se não me queimarem, vocês não terão sementes para plantar. Se me queimarem, vocês vão ter sementes para o resto da vida. Vocês têm que cuidar da semente que eu vou dar, mas, antes de tudo, quero avisar: quando o fogo me queimar, darei um grito! Só vão para a roça quando a maritaca passar em cima de suas casas, porque aí as plantações já estão maduras. Eu estarei perto da roça, morando dentro de um buraco em forma de paca. Façam logo um cesto para me pegar, aí retornarei como uma mulher outra vez.

Porém, os filhos não obedeceram. Quando viram a paca, cutucaram o buraco com uma vara e, a paca, que era a velha, saiu correndo. Então cada parte do corpo da velha gerou uma semente. Do dedo nasceu o amendoim, do dente nasceu o milho, da cabeça nasceu o cará, do intestino nasceu feijão de vários tipos, da batata da perna nasceu a mandioca, e da palma da mão nasceu o mangarito.

São vários tipos de sementes que existem até hoje e que foram geradas do corpo da velha. Essas sementes se espalharam para todos os povos. Esta é uma história dos antigos Kayabi que já vem do(a)s bisavós para os filhos e netos, dos netos para os bisnetos.

(Esta narrativa foi registrada pelos acadêmicos Montirenti Kayabi, Awakatu Kayabi, Raquel Sirajup e Warakatu Ayup Kayabi).

Que concepções de língua(gem) estão presentes nas questões de 01 a 11, referentes ao texto “Origem dos alimentos para o povo Kayabi”? Após identificá-las, explique porque cada questão está relacionada a uma determinada concepção de língua(gem).

Faça a leitura do texto com atenção e responda às questões a seguir:

1. Quem são os personagens da narrativa? Onde acontecem os fatos narrados?

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

4. “Então cada parte do corpo da **velha gerou** uma semente.”

a) Reescreva o enunciado acima, substituindo as palavras em negrito por outras com o mesmo sentido.

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

5. Na sua opinião, por que os filhos não obedeceram à velha? Se eles tivessem feito o que a mãe pediu, você acha que a história teria sido diferente?

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

6. Preencha as lacunas com os verbos entre parênteses:

a) Essas sementes _____ para todos os povos.
(espalhou/espalharam)

b) Então, cada parte do corpo da velha _____
uma semente. (gerou/ geraram).

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

7.Retire do texto:

a) 02 substantivos próprios:

b) 02 substantivos comuns:

c) 02 adjetivos:

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

8. Passe a frase abaixo para o plural:

“Do dedo nasceu o amendoim, do dente nasceu o milho...”

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

9. Retire e classifique o sujeito e o predicado da seguinte oração: “Antigamente, os Kayabi plantavam tucum e inajá.”

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

10. “Amarrem a minha rede no meio da derrubada!” Volte ao texto, faça uma leitura atenciosa e diga quem é o sujeito da ação do verbo “amarrem”.

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

11. Na narrativa Kayabi, aparecem uma maior quantidade de verbos no pretérito (passado). Por que isso acontece?

Concepção de linguagem: _____

Comente: _____

Atividade 2: Proposta de produção escrita

O texto, Origem dos alimentos para o povo Kayabi conta como surgiram os alimentos para o povo Kayabi. Você conhece a narrativa de origem dos alimentos do seu povo? Ela é diferente da história Kayabi? Ou é semelhante? Que tal escrevê-la em seu caderno? Se precisar de ajuda, você pode consultar pessoas que conheçam a história, como seus pais, avós, tias, tios, anciãos ou anciãs. Vamos, lá? Se quiser, pode até ilustrar sua história com um desenho bem bonito.

Revise, juntamente com o(a) professor(a), o texto, observando parágrafos, concordância, ortografia, enfim, aspectos gramaticais para que ele fique bem bacana.

Depois que sua história estiver pronta e revisada, você poderá ler para os colegas da turma e, também, expor seu texto no mural da escola para que outras pessoas da comunidade possam ler. Fazer um livrinho ilustrado sobre a narrativa também é uma boa ideia para registrar a mitologia do seu povo. Vamos lá? Um ótimo trabalho para você e seus colegas de classe.

Caro(a) acadêmico(a), na sua opinião, que concepção de linguagem está presente na proposta de produção de texto acima? Comente.

Sugestão de leitura(s) complementar(es): Línguas. In: BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998. (pp.113-155)

Referências Bibliográficas

ANTUNES, I. Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas. Brasília: MEC/SEF, 1998.

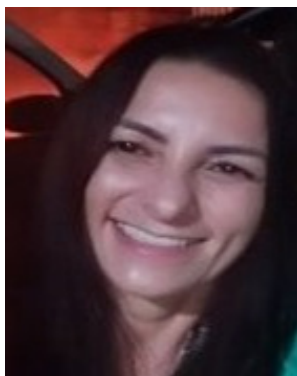
MUNDURUKU, M. M. Pinturas Corporais do Povo Munduruku (MT): Significados e Mudanças no Patrimônio Imaterial Indígena. Barra do Bugres-MT, 2016.

POSSARI, L. H. V.; NEDER, M. L. C. Linguagem: o ensino, o entorno, o percurso. Fascículo 2. 2ª edição. Cuiabá, EdUFMT, 2001.

TRAVAGLIA, L.C. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TXUCARRAMAE, P. M. T. Ideofone e outras formas de comunicação do povo Mẽbêngôkre. Barra do Bugres, 2016.

Biografia dos autores



Mônica Cidele da Cruz é professora de Língua Portuguesa da Unemat e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. É docente da Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI, campus de Barra do Bugres, professora permanente dos programas de Pós-Graduação PPGL (Linguística) e do PPGECEI (Mestrado em Ensino em Contexto Intercultural Indígena). Coordena o projeto de pesquisa Aspectos fonéticos e fonológicos da língua nambikwara: subgrupos Mamaindê, Negarotê. Kithaulu e Wakalitesu (CNPQ). Desde 2019, é Diretora da Faculdade Indígena Intercultural. E-mail: monicacruz@unemat.br



Isaías Munis Batista é docente de Língua Portuguesa da Unemat, mestre em Letras, doutorando em Linguística (PPGL/Unemat) e Coordenador do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Unemat/FAINDI – Turma 2006/2)

Link para acessar o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9477828530104279>



UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

